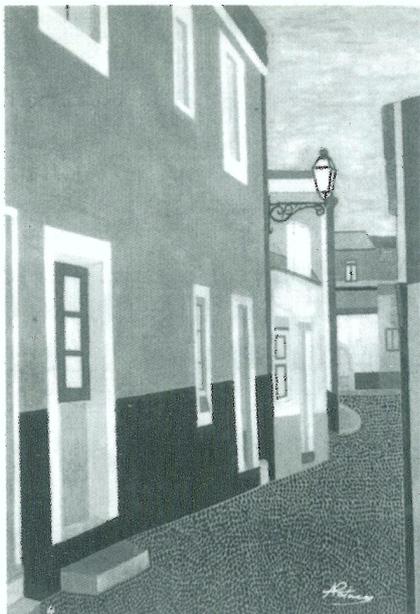


ANTÓNIO PATACAS

“Flash's” da sua vida e obra

*António Patacas*



Travessa de S. Francisco

António Patacas nasceu a 13 Outubro de 1921, numa casinha do Beco de S. Francisco, no primitivo núcleo urbano do Barreiro Velho.

Seus pais, Carlos Patacas e Maria de Assunção de Jesus, ambos beirões, naturais de S. Miguel de Acha, Castelo Branco, foram um entre muitos casais de “ratinhos” que chegaram ao Barreiro, nos alvares do século XX, quando a Companhia União Fabril ensaiava os primeiros passos.

**«Senão fossem os alentejanos e os “ratinhos” o Barreiro não era nada.»**

O casal era muito jovem quando se juntaram e resolveram embarcar para o Barreiro - sua mãe tinha apenas 14 anos – o que constitui uma das razões que explicam o excepcional número de filhos que tiveram.

Foi pois no seio de uma numerosa família de 21 irmãos que, António Patacas cresceu, não tendo porém conhecido alguns ao não sobreviverem a uma infância penosa e difícil, num quotidiano de privações marcado pela fome e pela doença.

**«Na minha casa não havia refeições. Éramos 21 irmãos, mas só me lembro de 12.»**



António Patacas e seu irmão João

Os primeiros anos de infância passou-os no Bairro de S. Francisco, entre o Largo Rompana e a Merceria do Espanhol, junto ao Largo 5 de Outubro. Era ali, enquanto brincava com o filho do Espanhol, com poucos anos de idade que António começou a aprender as primeiras letras. Com a ajuda do amigo Florêncio - que já sabia ler - soletrava pequenas palavras como ovos, batatas, café, escritas nas sacas e

embalagens dos produtos que estavam à porta da mercearia. No seu entusiasmo, rapidamente aprendeu o alfabeto e começou a ler, sem nunca ter frequentado a escola oficial. Mais tarde já lia "romances" que alugava por 50 centavos, a um homem que andava de porta em porta pelas ruas do Barreiro.

Dos irmãos mais velhos recorda-se do Joaquim, que faleceu com 25 anos vítima de tuberculose, das suas irmãs Beatriz, Benedita, Amélia e Anair e do João e de como todos eles se iniciaram a trabalhar para a CUF.

A infância de António Patacas terminou cedo, pois a dureza da vida não permitia outra coisa e a sobrevivência da família não podia desprezar a jorna do pequeno operário.

Iniciou-se com 8 ou 9 anos de idade, numa fábrica de cortiça junto ao antigo Asilo D. Pedro V, mesmo à porta de casa, onde transportava pedaços de cortiça para os operários mais velhos procederem ao seu ofício de "rabanear».

### ***«Grandes fabricos de cortiça que havia no Barreiro!»***

Não são felizes todas as recordações da sua meninice e um episódio triste haveria de marcar para sempre, a sua experiência naquela fábrica de cortiça. Lembra-se ainda hoje, quando entrou no armazém pela manhã e ficou aterrado, ao deparar com um operário que se suicidara, por enforcamento. Explicaram-lhe que o motivo se devia à tirania do patrão, que não lhe pagava o salário.

Depois daquele acontecimento deixou a fábrica e foi para a Herold, na Recosta, trabalhar na limpeza das caldeiras. Tratava-se de picar por dentro as caldeiras onde era cozida a cortiça, mas foi por pouco tempo, pois não suportava ficar fechado no interior dos recipientes.

Umhas semanas mais tarde já trabalhava na Cordoaria do Nicola, de onde acabou por sair para entrar para a CUF, à semelhança de todos os seus irmãos.

O seu percurso na Companhia União Fabril inicia-se em 1932, com 11 anos de idade.

Entrou para os adubos «descalço, ranhoso e cheio de fome», onde cozia e fechava as sacas que saíam cheias, da máquina. Se o Inverno



Patacas (ao centro em pé)  
e os "Unidos da Praça de Santa Cruz"

já representava um tormento, por ter de andar descalço à chuva e ao frio, o trabalho na fábrica aumentava o seu martírio, os pés ficavam em chaga em contacto com os restos do adubo.

Ali passou algum tempo e quando tinha mais força e robustez foi para as obras como

servente, já como efectivo da CUF, tinha então 13 anos de idade. Trabalhava nesse tempo com o António Bravo, o António Chula de Alhos Vedros, e o António Cabaço. Depois da fábrica os colegas transformavam-se em amigos e o grupo retemperava energias nas areias da praia do Barreiro, onde o banho e o futebol eram o desporto predilecto. Era o bando dos quatro Antónios.

O trabalho nas obras corria bem, até ao dia do acidente. Estava em cima do andaime quando este se partiu, arrastando-o a si e aos colegas.

**«O andaime era pregado com pregos e cavilhas, arrancadas de outras tábuas já usadas, era muito instável e com o peso dos operários e dos blocos de cimento não aguentou e quebrou-se».**

Foram levados para o Posto Médico da CUF, mas António Patacas era o pior. Fracturou várias costelas e fez ferimentos na cabeça e no corpo. Após os tratamentos «voltou logo para o serviço, ainda nessa tarde. Não podia deixar de ganhar».

A partir daí foi transferido para o "Armazém do Valente", por não poder dar serventia nas obras e ficar em casa sem ordenado. O seu percurso profissional viria a mudar a partir de então, passando sucessivamente para o Armazém de Materiais e para o "Escritório Técnico do Barreiro".



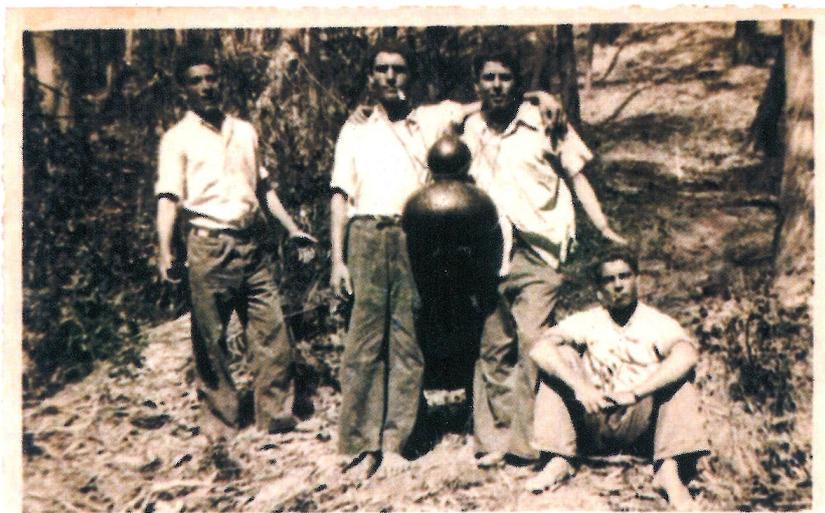
Patacas (2º à direita) no Jardim dos Franceses

categoria de empregado de escritório de 3ª classe.

O esforço pessoal para melhorar as suas aptidões profissionais era permanente e na rotina do dia-a-dia ia aperfeiçoando o hábito de escrever, numa caligrafia caprichosamente desenhada. O exame da 4ª classe seria feito durante o serviço militar.

Entre a fábrica e o Barreiro Velho decorria a vida do jovem António e os fins de tarde com os amigos aconteciam, dos Penicheiros para os Franceses. No Verão aos domingos saíam da vila e a pé pelos campos, chegavam ao Alto da Paiva, local predilecto para os piqueniques.

Enquanto o Barreiro crescia e se transformava e a CUF seguia a



Durante um pic-nic no Alto da Paiva

ritmo imparável, António Patacas conheceu Laura Contreiras, com quem veio a casar aos 20 anos e de quem tem uma filha, Laura Patacas.

Entretanto passara para o “Escritório Técnico do Barreiro”, onde exerceu a sua actividade profissional por mais de duas décadas, até ser reformado, após quarenta anos ao serviço da CUF.



Colegas do escritório

No escritório trabalhavam muitas pessoas, todas oriundas de Lisboa. Patacas, era o único empregado natural do Barreiro. Recordar-se que neste ambiente existiam vários legionários e informadores da PIDE, no entanto, segundo afirma

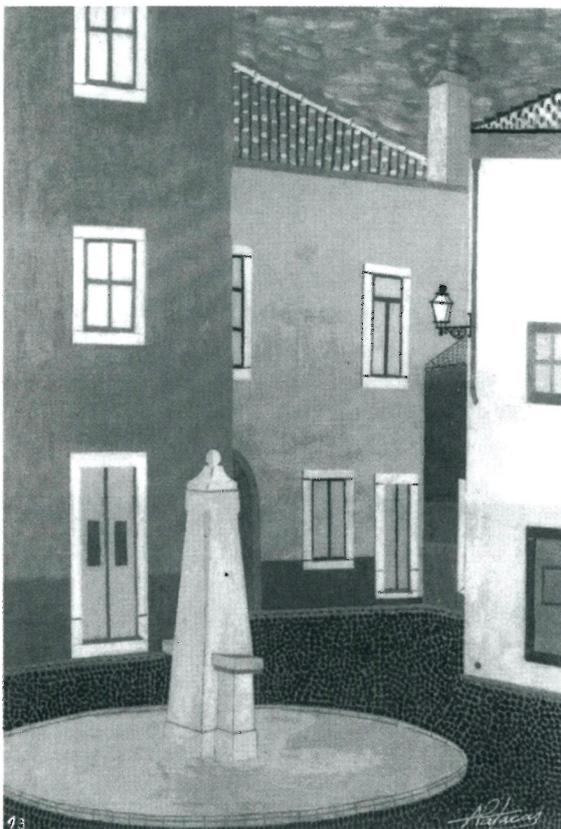
«alguns eram obrigados a ser legionários para manter o emprego».

Às 5<sup>as</sup> feiras o escritório era visitado por uma figura de ar sinistro. Homem de meia-idade «trajando fato e chapéu à diplomata e óculos escuros». Entrava, seguia até ao fundo do corredor e penetrava num compartimento reservado. Era o Coelho, Inspector da PIDE/DGS. Ao fim de algum tempo, começavam as entradas e saídas de alguns operários que ali iam fazer o “relatório”.

António Patacas viveu décadas no “Pátio dos Bichos”, de onde saía por volta das 7.30, a caminho da fábrica. Passava junto à Escola

Conde Ferreira e por vezes, encontrava espalhados no chão, exemplares do jornal 'Avante', que cuidadosamente apanhava e guardava.

Em certa ocasião estava a ler o 'Avante', fechado na casa de banho do escritório e alguém bateu à porta. Avisaram-no que o Coelho chegara. Atrapalhado, puxou dos fósforos e deitou fogo ao «Avante». O fumo começou a sair por debaixo da porta, despertando a atenção dos colegas, que acorreram a perguntar o que sucedera. Desculpou-se, dizendo que deitara o cigarro ainda aceso para o caixote dos papéis.



“Pátio dos Bichos”. Pintura a óleo



Com um grupo de amigos, entre eles os famosos irmãos Câmara, jogadores do Barreirense.



António Patacas com amigos e colegas no Barreiro, junto à Casa de Aferição de Pesos

**«Durante a ditadura fascista muitos corticeiros metiam dentro dos fardos de cortiça que seguiam para fora do Barreiro e para o estrangeiro, Rússia e Alemanha, exemplares do 'Avante'».**

Desses tempos sombrios recorda uma visita que Américo Tomás fez ao Barreiro. Passeando pela Avenida Alfredo da Silva e com a rua apinhada de gente, rebentou um “petardo” no Parque, espalhando panfletos contra a ditadura, o que gerou enorme confusão no local.

Recorda-se que muito antes do 25 de Abril foi a Lisboa, fotografar o casamento de Alfredo de Matos com a Evelina, preso pela PIDE no Aljube. Alfredo de Matos disse-lhe que tirasse as fotos rapidamente e «saísse dali porque um agente da PIDE andava a perguntar se ele era o fotógrafo “do Partido” e queria deitar-lhe a mão». António Patacas teve de sair a correr e não parou mais até aos barcos do Barreiro.



Casamento de Alfredo de Matos com Evelina de Matos

Foi como fotógrafo que fez a cobertura do casamento de José Francisco Costa, na Quinta dos Pêssegos ou do Martins de Coina.

**«O casamento foi aproveitado para fazer um encontro político do Partido Comunista Português, onde participaram muitas pessoas.»**

O interesse de António Patacas pela fotografia começou muito cedo e a qualidade do seu trabalho acabou por despertar o interesse de Augusto Cabrita. O conhecido fotógrafo contratou-o para o seu

Estúdio, tendo António Patacas realizado reportagens fotográficas de casamentos e baptizados, numa colaboração que durou por muitos anos. Como um verdadeiro repórter profissional fez, ao serviço de



António Patacas

Augusto Cabrita, a cobertura de inúmeros acontecimentos desportivos no Barreiro para o jornal “A Bola” e outros periódicos.

**«Iniciei-me na fotografia com pouco mais de 20 anos com Augusto Cabrita, a quem devo imenso do que sei.»**

Pela sua memória perpassam cenas no Estúdio e Augusto Cabrita, quando ali se reuniam Armando da Silva Pais, presidente da Câmara, Alfredo Zarcos, jornalista do Barreiro, Artur Agostinho e outras eminentes figuras da época.

Nos anos 60 abriu um estúdio de fotografia com a filha, o “Nova Era”, na Avenida Alfredo da Silva nº. 68, mantendo a sua actividade como fotógrafo profissional por alguns anos.

O reconhecimento público, pelo valor do seu trabalho na área da fotografia, valeu-lhe várias Menções Honrosas e um Primeiro Prémio num dos certames organizados pelo Grupo Desportivo da CUF.

Nos anos 80, o Barreiro começa a sofrer as consequências da desindustrialização, cujo desenlace provoca graves crises de desemprego atingindo inúmeras famílias. O empobrecimento da população torna-se patente, em especial o abandono que o núcleo histórico da cidade começa a evidenciar. As fotografias de António Patacas revelam então, imagens de um Barreiro triste, apagado e envelhecido.



Largo Rompana

Travessa do Prior

Rua da Amoreira

Conhecedor profundo da sua terra, António Patacas revela-se sensível aos encantos do Barreiro antigo e a sua máquina vai registando, ao sabor dos tempos, imagens e temas onde se manifesta um sentimento de pertença e paixão pelo lugar onde nasceu.

O amor pelo Barreiro transparece de um poema que dedicou à sua cidade.

Faço tudo quanto sei  
Ao trabalho dou-me inteiro  
Tudo faço com amor  
Para o meu querido Barreiro

Barreiro querida cidade  
Onde nasci certo dia  
Tudo faço com humildade  
Mas sempre com alegria

Nunca me julguei artista  
Nem trabalho por dinheiro  
Tudo faço com amor  
Para o meu querido BARREIRO

De milhares de fotografias que produziu, as que mais orgulham António Patacas são a sua colecção de rostos barreirenses. Num trabalho minucioso e persistente, durante mais de uma década foi reunindo cerca de 2 centenas de fotografias de homens e mulheres. Na sua maioria antigos operários do Barreiro, corticeiros, trabalhadores da CUF, ferroviários ou apenas rostos do Barreiro, numa vasta galeria de olhares, sorrisos e sulcos de expressões que nos contam histórias amargas de vida, dramas de um tempo antigo.

A colecção composta por 170 fotografias foi doada por Patacas, à Câmara Municipal do Barreiro, no ano de 2003.

O interesse por diferentes manifestações de arte levaram António Patacas a explorar outras formas de criação, numa actividade artística multifacetada que passa também pelo artesanato e pela pintura.

A sua obra pictórica é marcada pela cromia do preto e branco,

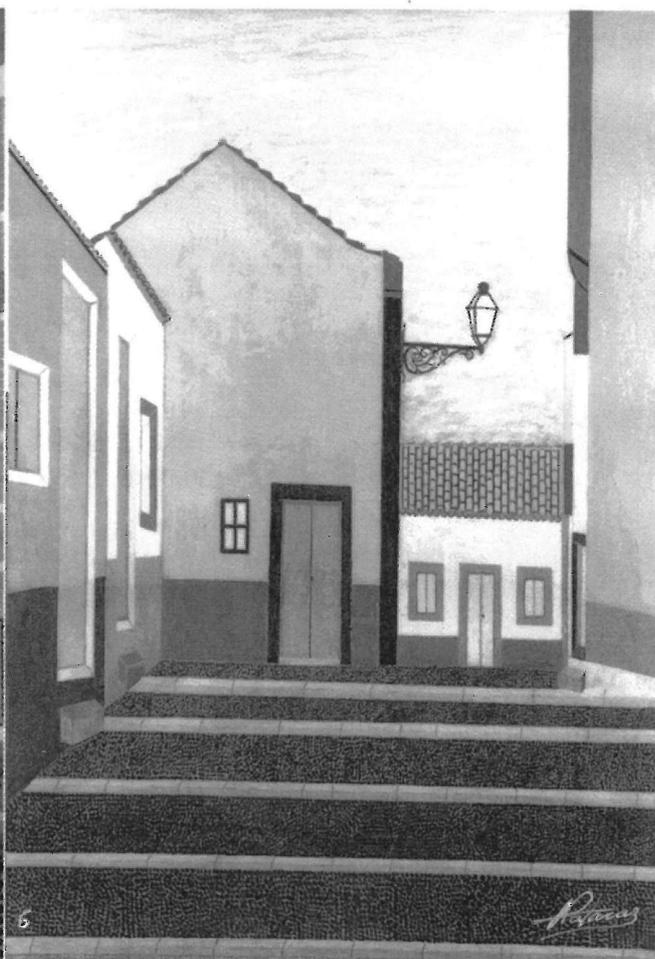
numa representação muito particular de olhar o Barreiro. É dessa forma que António Patacas recorda o Barreiro da sua infância.

**«Não havia cá cores amarelas nem cor-de-rosa! As casas eram brancas com uma barra cinzenta ou preta.»**

As suas telas recriam as ruas e lugares do Barreiro Velho, como o Largo Rompana, o “Pátio dos Bichos”, a Calçada da Misericórdia, entre muitos outros.

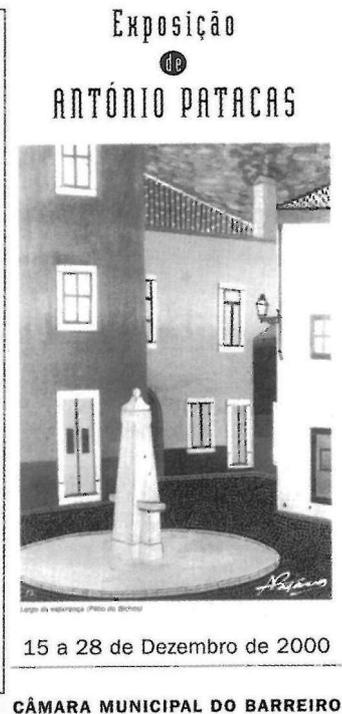


Travessa do Loureiro. Pintura a óleo



Travessa da Misericórdia. Pintura a óleo

Os seus trabalhos têm merecido a atenção do público em várias exposições individuais e colectivas, organizadas e apoiadas pela Câmara Municipal do Barreiro, a quem, num futuro próximo, António Patacas pretende doar todo o seu espólio.



Em 25 de Abril de 1974 António Patacas aderiu entusiasticamente à Revolução.

A sua máquina registou imagens daquele dia histórico, quando milhares de pessoas reunidas na praça do Mercado 1º de Maio, saudaram o dia da Liberdade.



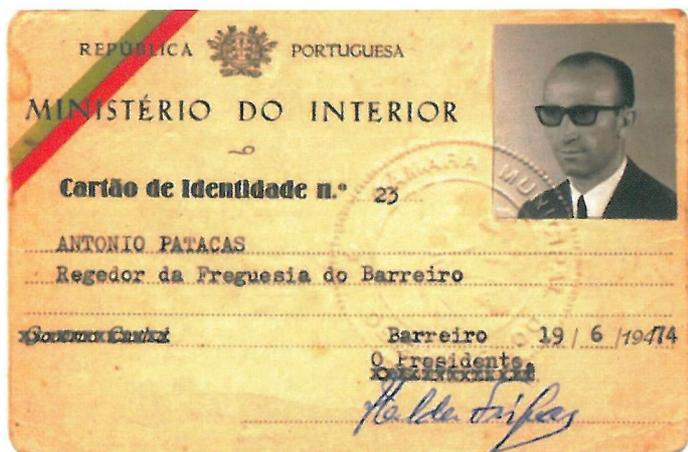
Com o saneamento político dos órgãos do antigo regime e a formação da Comissão Administrativa, António Patacas, a convite de Hélder Fráguas, foi nomeado Regedor da Freguesia do Barreiro em 26 de Junho de 1974.



Nessa qualidade, estive à frente de grupos de cidadãos que procederam à substituição dos antigos nomes de ruas, pela nova toponímia da Revolução.



A sua disponibilidade e vontade de trabalhar em prol da causa colectiva, fez com que fosse nomeado responsável pelos Serviços de Mercados e Jardins Municipais, logo em Junho de 1974, mas o seu interesse pela fotografia, leva-o a fotógrafo oficial da Câmara durante algum tempo.



**«O vencimento que usufrui como Regedor ofereci-o à Câmara e todo o trabalho que desenvolvi era de carácter voluntário.»**

Ainda nesse ano integrou o Conselho Municipal, fazendo parte deste órgão até 1985.

Foi fundador da Comissão de Acção dos Reformados do Barreiro, criada em 9 de Dezembro de 1976, com Francisco Torrão.



A primeira ideia para a formação de uma associação surge num plenário, realizado no refeitório da CUF, logo a seguir ao 25 de Abril. Do primeiro grupo que esteve na origem da Associação constam várias pessoas e recorda-se da Luzia, da Cremilde, da Silvina, da Mariana, da Catarina, da

Aurora Santos e também do Artur Pessegueiro, do Tomás Alexandre e do Francisco Torrão. Pretendiam formar uma associação que pudesse ocupar de forma digna os tempos livres dos idosos, retirando-os à taberna.

António Patacas foi activista e Presidente da Associação ao longo de 18 anos.

A poucos dias de completar 87 anos de idade, António Patacas cultiva ainda o amor pela vida e o afecto pelo Barreiro. O seu maior desejo é ser recordado como um filho da terra, a quem dedicou o melhor de si.



António Patacas, Outubro, 2008

**ANTÓNIO PATACAS** | “Flash's” da sua vida e obra

Catálogo da Exposição | **UMA OBRA A PRETO E BRANCO**

Galeria Municipal de Arte do Barreiro | **Outubro de 2008**

Coordenação da edição | **Divisão de Acção Social**

Design Gráfico | **Divisão de Comunicação**

Impressão | **CORLITO, Centro Técnico de Artes Gráficas, Lda.**

Número de exemplares | **400 exep.**

**Câmara Municipal do Barreiro | OUT'08**



**Barreiro**  
Câmara Municipal